



A FORÇA DISCURSIVA DO SILÊNCIO EM *BAÚ DE OSSOS* DE PEDRO NAVA

Wellington Marçal de Carvalho

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)/UFMG

E-mail: marcalwellington@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho objetiva colocar em diálogo a opacidade viabilizada pela materialidade do silêncio considerado como um tipo singular de discurso. Por meio de excertos do primeiro volume das memórias do escritor brasileiro Pedro Nava, intitulado *Baú de ossos*, publicado em 1972, pretendeu-se vislumbrar, ao longo do fio narrativo, a cristalização de não-ditos e a respectiva potencialização do processo de significação que esses hiatos no plano enunciativo ofertam ao leitor. Foram conclamados, neste artigo, alguns momentos em que Pedro Nava, em sua labuta com as memórias de sua infância, como também com o resgate da história dos seus antepassados no Ceará, Rio de Janeiro e Minas Gerais, subitamente interrompe a narração, optando por silenciar e, talvez, potencializar a significação através de não-ditos. Nesse mecanismo de enquadramento da memória, o incansável jogo de lembrar e esquecer cumpre variadas funções e Nava, com destreza ímpar, conduz o fio narrativo ora detalhando minuciosamente cada acontecimento, ora trancafiando situações e fatos em circunscrições de silêncios. Para delinear uma organização mínima aos fragmentos que foram escolhidos, o critério é que os mesmos contemplassem, simultaneamente ou não, a tríade de Michael Pollak: i) silêncio em consequência da angústia de não encontrar uma escuta; ii) silêncio para evitar punição por aquilo que se diz; e iii) silêncio para não se expor a mal-entendidos. Com auxílio da tipologia de discursos, de silêncios, de Pollak, verticalizou-se a leitura do *Baú de ossos* tentando resgatar alguns não-ditos cuja existência se deve muito menos em consequência da inexecuibilidade em rememorar um dado específico, do que da habilidade com a qual o narrador, autodiegético, optou mantê-los indizíveis e, assim o fazendo, dilatou o potencial de significação residente nesses lugares de opacidade.



PALAVRAS-CHAVE: *Baú de ossos* - memórias. Literatura brasileira – crítica e interpretação. Não-ditos. Opacidade.

THE DISCURSIVE FORCE OF SILENCE IN PEDRO NAVA'S BAU DE OSSOS

ABSTRACT:

In this work we aim exploring the the materiality of silence considered as one singular type of discourse, in Pedro Nava's *Baú de ossos*. Our focus is some excerpts from Brazilian writer Pedro Nava first volume of memories, entitled *Bau de Ossos* (Bones Chest), published in 1972. We center our attention on the narrative thread, the cristalization of the non-said and the respective potentialization of signification process that these gaps in the enunciative plan offer the reader. In this article, some Pedro Nava moments were called upon in which, in the work on memories from his childhood, as well as the rescue of his ancestors history in Ceará, Rio de Janeiro and Minas Gerais, suddenly interrupted the narrative, opting to silence and, maybe, potentialize the significance through the non-said. In this memory framing mechanism, the tireless game of remembering and forgetting serve several functions and Nava, with prime skill, conduct the narrative thread then thoroughly detailed, nevertheless locking up situations and facts in silences circumscriptions. To outline a minimum organization to the fragments that were chosen, the criterium is that them to behold simulteneously or not, the Michael Pollak triad: i) silence in consequence of anguish of not finding a listener; ii) silence to avoid punishment for what it is said; and iii) silence for not exposing one to misunderstanding. With the aid of discourse typology, of silence, from Pollak, *Bones Chest* reading was verticalized trying to rescue some non-saids in which the existence is owned far less in consequence of unenforceability in

Igarapé, v. 12, n. 1, 2019, p. 14-29



remembering a specific fact, than from the ability in which the narrator, self-diegetic, opted to keep them non-said and, by doing so, expanded the signification potential residing in the opacity places.

Keywords: Bones Chest - memories. Brazilian Literature - Criticism ..
Opacity - Silence

INTRODUÇÃO

“Como era curioso o passado dum homem!”
Aristides (VERISSIMO, 1953, p. 164)

Apresenta-se percurso de leitura que objetiva focalizar os silêncios ou não-ditos em obra fundante da memorialística brasileira. Em *Baú de ossos*¹, primeiro volume das memórias do mineiro Pedro Nava, retirar-se-ão passagens para ilustrar as reflexões que serão tecidas.

Nessa obra prevalece o narrador do tipo autodiegético. Essa classe de narrador:

[...] designa a entidade responsável por uma situação ou atitude narrativa específica: aquela em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história [...] [pode aparecer] como entidade colocada num tempo ulterior em relação à história que relata, entendida como conjunto de eventos concluídos e inteiramente conhecidos [...] Com efeito, o máximo potencial informativo de que o narrador autodiegético pode desfrutar deriva da situação de ulterioridade em que se encontra e mesmo da sua variável capacidade de retenção memorial. (REIS; LOPES, 2007, p. 257, 259-260)

De acordo com Lejeune (2008, p. 14) as memórias se constituem como gênero vizinho das autobiografias². Em sua definição, entram em jogo elementos pertencentes às seguintes categorias: i) quanto à forma da linguagem: narrativa; em prosa; ii) quanto à situação do autor: identidade do autor (cujo nome alude a uma

¹ NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. 11. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2005. 409 p. (Memórias; v. 1).

² Em termos mais elaborados, uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando coloca a tônica na sua vida individual, em particular na história da sua personalidade. (REIS; LOPES, 2007, p. 36)

pessoa real) e do narrador; e iii) quanto à posição do narrador: identidade do narrador e do personagem principal; perspectiva retrospectiva da narrativa.

O narrador é entendido, conforme esclarece Reis e Lopes (2007, p. 257), fundamentalmente, como autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso como protagonista da comunicação narrativa.

Serão conclamados, no presente trabalho, alguns momentos em que Pedro Nava, em sua labuta com as memórias de sua infância, como também com o resgate da história dos seus antepassados no Ceará, Rio de Janeiro e Minas Gerais, subitamente interrompe a narração, optando por silenciar e, talvez, potencializar a significação através de não-ditos.

Nesse mecanismo de enquadramento da memória, o incansável jogo de lembrar e *esquecer* cumpre variadas funções e Nava, com destreza ímpar, conduz o fio narrativo ora detalhando minuciosamente cada acontecimento, ora trancafiando situações e fatos em circunscrições de silêncios.

E são exatamente esses locais de silêncio que serão explorados aqui. Para tanto, uma ligeira incursão nos estudos que fazem do silêncio seu objeto, mesmo que colateralmente, dão corpo à próxima seção.

TEORIZAR O SILÊNCIO

“Eu escrevi praguejando.”
Pedro Nava (AGUIAR, 1994, p. 114)

São relevantes as considerações de Michael Pollak, publicadas em 1989³, notadamente naqueles aspectos em que problematiza as funções do ‘não-dito’ e do silenciamento em suas relações com o processo de lembrar (memória) e de esquecer. Para ele:

³ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-13.



A organização das lembranças se articula igualmente com a vontade de denunciar aqueles aos quais se atribui a maior responsabilidade pelas afrontas sofridas. (POLLAK, 1989, p. 7)

Segundo Michael Pollak:

[...] existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos [...] Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. (POLLAK, 1989, p. 8, grifo nosso)

Ainda que indiretamente, os mecanismos de enquadramento da memória, com a respectiva arbitrariedade na eleição do que, como e quando suprimir essa ou aquela informação ou acontecimento, reservam alguma similitude de desígnio com a simbologia das águas do Lete.

De acordo com Weinrich (2001, p. 24) o “Lete” é, sobretudo, nome de um rio do submundo, que confere esquecimento às almas dos mortos. Nessa imagem e campo de imagens o esquecimento está inteiramente mergulhado no elemento líquido das águas. Há um profundo sentido no simbolismo dessas águas mágicas. Em seu macio fluir desfazem-se os contornos duros da lembrança da realidade, e assim são liquidados. Postulava-se que as almas, ao beberem das águas do Lete, esqueciam-se de sua existência anterior, ficando livres para renascer em um novo corpo.

Quando se questionam os motivos que levaram o narrador a encobrir este ou aquele fato, privilegiar uma determinada voz em detrimento de outra(s), em suma, a forma que levou a efeito para administrar *silêncios*, fundamental é ter bem delimitado o que se quer dizer quando, neste trabalho, se fazem referências a esse conceito. Assim o considera Orlandi:

O silêncio é a 'respiração' (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é 'um', para o que permite o movimento do sujeito [...] É [na] relação do imaginário com o real que podemos apreender a especificidade da materialidade do silêncio, sua opacidade, seu trabalho no processo de significação. (ORLANDI, 2007, p. 13, 16)

Para Ricoeur (2007, p. 455, 459) as estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente no trabalho de configuração de memórias: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela. Ver uma coisa é não ver outra. Narrar um drama é esquecer outro.

Conforme Oliveira (2010, p. 94), o ato de escrever é um ato arbitrário, um exercício de poder. Quando se opta pelo realce de determinado aspecto contextual, jogam-se outros para debaixo do tapete.

Salienta Pollak (1989, p. 5) que as lembranças traumatizantes sobrevivem, durante dezenas de anos, aguardando o momento propício para serem expressas. Por conseguinte, a um longo silêncio sobre o passado, de forma alguma corresponde um processo de condução ao esquecimento. É o que demonstra o estudo realizado por Pollak em que foram entrevistadas mulheres sobreviventes do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, após o fim da Segunda Guerra Mundial. Para essas mulheres

as dificuldades e bloqueios que eventualmente surgiram ao longo de uma entrevista só raramente resultavam de brancos da memória ou de esquecimentos, mas de uma reflexão sobre a própria utilidade de falar e transmitir seu passado. Na ausência de toda possibilidade de se fazer compreender, o silêncio sobre si próprio – diferente do esquecimento – pode mesmo ser uma condição necessária (presumida ou real) para a manutenção da comunicação com o meio-ambiente [...] Um passado mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação. (POLLAK, 1989, p. 13)

Ainda que num contexto totalmente diferente, acredita-se que as constatações de Pollak oriundas do comportamento manifestado por suas entrevistadas possa auxiliar na interpretação de hiatos no fio narrativo das memórias de Pedro Nava, uma vez que nelas verifica-se um processo de condução ao

esquecimento, segundo os termos de Pollak. Algumas passagens do texto de Nava permitem uma aproximação com as reflexões de Oliveira, em seu estudo sobre as memórias na obra da escritora espanhola Montserrat Roig, principalmente no aspecto que este pesquisador denomina como uma função apaziguadora do processo de representação da memória:

[...] às vezes, o excesso de memória ou de representações desta memória, e o processo de montagem e articulação de dados e imagens podem ter a função de apaziguar (funcionar como uma anistia) as dores e a revolta provocada pelos traumas originados nas catástrofes acontecidas no passado (somente fechando a ferida, sem curar). (OLIVEIRA, 2010, p. 66)

De acordo com Silva (2010, p. 103), num texto de cunho memorialista, é factível ao narrador demonstrar, inclusive, o que sofreu e como os atos violentos permaneceram por toda a sua vida, como um ponto dissonante em sua socialização. Pensa-se que Pedro Nava, arditamente, tenha distribuído ao longo de sua narrativa traços em que sua socialização pautou-se, em alguma medida, por “atos violentos”, sob os quais tenha preferido se calar, ou apenas mencionar ligeiramente.

“O SILÊNCIO ERA MEU, E LÚCIDO.”⁴

“O silêncio dentro do ruído, como uma pérola fechada numa concha...”
Gil (VERISSIMO, 1953, p. 394)

Apresentar-se-ão alguns fragmentos do primeiro volume de memórias de Pedro Nava em que o narrador opta por silenciar discursos, através de múltiplas estratégias. Inocentemente não o fez, é óbvio. Ao cristalizar silenciamentos ao longo do ato de narrar, oferta ao leitor a possibilidade de dilatar os sentidos do texto, em latência, metamorfoseados nesses hiatos de enunciação.

É a opacidade viabilizada pela materialidade do silêncio, como expõe Orlandi, que se propõe colocar em diálogo com a tipologia de discursos, de silêncios, já

⁴ ROSA, João Guimarães. Páramo. In: _____. *Estas estórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969. p. 197.



citada anteriormente, de acordo com a classificação de Pollak, a partir de excertos de *Baú de ossos*.

Segundo o próprio Nava registrou em uma conversa em 1982, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, cujo texto foi organizado, posteriormente, pela professora Melânia Silva de Aguiar⁵, em *Baú de ossos*, ele contou a vida dele, mais ou menos a sua experiência, a experiência de sua família, até os seus oito anos de idade.

Carlos Drummond de Andrade, em estudo de apresentação escrito para *Baú de ossos*, assim se pronuncia sobre o que nomeou de um 'baú de surpresas':

Pessoas, lugares, dias, fatos e objetos começam a delinear-se, a desvendar-nos sua fisionomia e correlação, sua profunda unidade cultural e humana, em torno de um menino que tem dimensão normal de menino, e não a de monstro incumbido de fazer menção de tudo. Dois passados se justapõem e formam um tecido contínuo com o presente do narrador: o seu próprio passado de criança, e o de seus ascendentes, que vem desaguar no dele, impregnando-o de memórias, de pré ou pós-vivências concentradas num ser profundamente integrado no complexo familiar... A vida quis torcer Pedro Nava para o rumo exclusivo da ciência, mas viu-se, afinal, que esta não o despojou da faculdade, meio demoníaca meio angélica, de instaurar um mundo de palavras que reproduz o mundo feito de acontecimentos. Antes o enriqueceu com colorida e desenganada, mas, ainda assim, generosa experiência do humano. (ANDRADE, 2005, p. xv-xvi)

Com perspicácia o poeta Drummond sinaliza exatamente o aspecto que norteia o mergulho em *Baú de ossos* objetivado neste trabalho. Aquelas passagens em que Nava, por não ser um "monstro incumbido de fazer menção de tudo", introduz rupturas em seu fio narrativo, tipificam, de acordo com a presente proposta, a tipologia dos discursos do silêncio, da qual trata Michel Pollak.

Para delinear uma organização mínima aos fragmentos que foram escolhidos, o critério é que os mesmos contemplassem, simultaneamente ou não, a tríade de Pollak: i) silêncio em conseqüência da angústia de não encontrar uma escuta; ii) silêncio para evitar punição por aquilo que se diz; e iii) silêncio para não se expor a mal-entendidos.

⁵ AGUIAR, Melânia Silva de (Org.). Conversa com Pedro Nava – 1982. *Boletim CESP*. Belo Horizonte, v. 14, n. 17, jan./jul. 1994.



No primeiro fragmento a seguir, o memorialista já ressalta a importância do matiz censor a contribuir para o processo de composição de sua personalidade. Nava participa ao leitor sua origem no tronco familiar e, também, o berço de sua personalidade:

Esse lado de Juiz de Fora, revolucionário, irreverente, opositorista, censurante e contraditor – dizia sempre não! ao outro, ao do Alto dos Passos – conservador, devoto, governista, elogiador e apoiante... Pois foi naquele lado fronda que nasci, às oito e meia da noite, sexta-feira, 5 de junho de 1903. Foram meus pais o médico cearense Dr. José Pedro da Silva Nava e a mineira D. Diva Mariana Jaguaribe Nava, de nascimento, e apelido a Sinhá Pequena. Aquele, filho do negociante maranhense Pedro da Silva Nava e da cearense D. Ana Cândida Pamplona da Silva Nava. Esta, do Major da Biosa Joaquim José Nogueira Jaguaribe, também cearense, e da mineira da gema D. Maria Luísa da Cunha Pinto Coelho Jaguaribe. Sobre as famílias de meus pais e da enorme influência que elas tiveram em mim, muito terei que falar. (NAVA, 2005, p. 8, grifos nossos)

Ainda sobre a formação da sua personalidade é notável a referência feita ao avô, sobretudo porque, como mais adiante se pretende demonstrar, Nava parece falar em demasia, porém, reverberando o comportamento de seu avô, dizia muito pouco acerca de alguns episódios.

Só não sabia tudo dos negócios e da vida de meu avô porque este era bem do nosso temperamento Nava – falando quando solicitado, falando até bastante, às vezes parecendo demais, e, na realidade, dizendo pouco... E no fundo, para nós (pelo que sei de meu Pai, pelo que vi de suas irmãs), todos são estranhos, mesmo os mais íntimos, devido a certa desconfiança, quase certeza de que ninguém gosta de ninguém e devido ao aprendizado do berço de que pessoa alguma tem nada com o que sentimos. (NAVA, 2005, p. 63)

A fineza, a argúcia e o espírito forjado pelos anos dedicados à educação e, posteriormente, ao exercício da medicina podem auxiliar a compreender, por exemplo, porque determinados trechos da narração são abreviados. A esse respeito é singular a forma comedida com que ele relata o fato de nunca ter tido madrinha que o carregasse. Ressentimento? Ironia? Rancor? Não é possível concluir apenas com os elementos narrados, como se vê na passagem seguinte:

Dizia minha Mãe que era preciso não me perder de vista nem um instante, pois tudo que me caía às mãos (comida, uma pulseira, vários sapatos, roupa, um par de
Igarapé, v. 12, n. 1, 2019, p. 14-29

brincos de coral, escovas, todas as chaves das malas, duas bengalas, vários livros) era imediatamente atirado pelas escotilhas ou bordo acima – para meus amigos delfins e peixes-voadores. Nunca conheci madrinha de carregar, pois fui para o batismo com minhas próprias pernas, andando o trecho da Rua Formosa que vai até a Santa Casa de Misericórdia, em cuja capela recebi (em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo) o sal, o óleo, a saliva, a afusão e o nome do avô. Foram meus padrinhos a mãe e o padrasto do meu Pai. Não guardei lembrança, mas devo ter conservado no recôndito de minhas células a influência profunda das frutas da terra que, para terror de minha Mãe, minha avó me deixava comer até perder a respiração. (NAVA, 2005, p. 34-35, grifo nosso)

Parece vir à tona uma parcela de mágoa do autor escamoteada em sua afirmação de não ter guardado lembrança em relação ao tratamento a ele dispensado por sua avó paterna e, também, sua madrinha de batismo. Causa alguma estranheza, a julgar pelas palavras de Nava, o fato da avó deixá-lo fartar-se das frutas da terra além do limite de segurança. Talvez a enunciação de nunca ter conhecido “madrinha de carregar” detenha o sentido que esta (má)drinha possuía para a criança Nava. Como geralmente costuma ocorrer para com as crianças, talvez o menino tenha guardado silêncio sobre esse sentimento devido a angústia de não encontrar uma escuta que o levasse em consideração, o que permite aproximar esse contexto à parte da teoria de Pollak, já apresentada.

Um incidente em que se pode verificar, mais uma vez, o discurso de silêncio, dessa feita para evitar mal-entendidos, refere-se à intervenção do então infante Pedro Nava, acerca da compra da residência em Juiz de Fora:

Eu estava nesta época em Juiz de Fora e me lembro da tarde em que, na sua residência da Rua Direita, ousei sugerir que, em vez de construir, o que deviam era comprar a *Outra-Banda* em ruínas e restaurá-la na sua grandeza. O Paletta que não sentava e conversava (conversava?) andando de um lado para o outro que nem animal nas grades, parou, olhou-me bestificado e, sem uma palavra de resposta, retirou-se agastado, para o seu vaivém no corredor. De fera enjaulada. Minha tia Berta olhou-me com sincera pena e perguntou ao Pedrinho se ele era mesmo doido da cabeça. Era e sou. Eles, que tinham a mente sadia, deixaram derrubar a casa histórica da Província, do Caminho Novo, da Cidade, da Família – e construíram um lindo sobrado na Avenida Rio Branco. *Colonial* gênero José Mariano e Gustavo Barroso. Ele lá está (róseo, já se vê!) e pode ser admirado por todos. Número 1844. E, como dizia Mário de Andrade,

Cheio de torres, torreões, torrinhas e tolices...

Pois na casa histórica que tentei salvar, morou minha avó depois de casada com o Halfeld. (NAVA, 2005, p. 137-138, grifos nossos)

Igarapé, v. 12, n. 1, 2019, p. 14-29

Naquela ocasião se não era possível manifestar-se sobre a sanidade de sua intervenção, nas memórias era chegada a vez. Contudo, inquieta a opção de tão pouco ter sido relatado sobre o fato. Sobretudo porque nada, nessa fase da vida, deixava de imprimir na formação do indivíduo algo como uma cicatriz para toda a existência, como pode ser visto no trecho:

Minha Mãe e minhas tias foram para o Bom Jesus adolescendo, meninas, fase em que cada um retém como única coisa existente e resistente contra os enganos e misérias da vida de merda. Cada um guarda a paisagem de um ano, de um mês, uma semana, um dia, uma hora! – pedaço de espaço em que se comprimiu o Tempo – de que a memória vai construir sua eternidade. (NAVA, 2005, p. 193, grifos nossos)

Existe, certamente, alguma fundamentação que motivava esses hiatos de Pedro Nava, ao rememorar essa fase da sua infância, anterior aos dez anos de vida, e defende-se, aqui, que a classificação de Pollak da tipologia dos discursos auxilia na tarefa de tentar compreendê-los. Nos excertos já apresentados coabitam, entremeados no fio narrativo, interstícios, vazios plenos de significação, espaços de opacidade, todavia fiéis à verdade. Pois é o próprio Nava quem afirma:

Cuidando dessa gente em cujo meio nasci e de quem recebi a carga que carrego (carga de pedra, de terra, lama, luz, vento, sonho, bem e mal) tenho que dizer a verdade, só a verdade e se possível, toda a verdade. (NAVA, 2005, p. 200)

Fiel a esse princípio, o de só dizer a verdade, resta a Pedro Nava a proferir lançando mão de artifícios quando julgasse imprescindível publicizá-la em suas memórias. Mesmo que essa verdade tenha sido apenas sussurrada, tal como se pode ver nesta passagem:

Ai! de mim, sem rei amigo nem amigo rei, que quando caio no fundo da fossa, quando entro no deserto e sou despedaçado pelas bestas da desolação, quando fico triste, triste (“... Mas triste de não ter jeito...”), só quero reencontrar o menino que já fui. Assim, quantas e quantas vezes viajei, primeiro no espaço, depois no tempo, em minha busca, na de minha rua, na de meu sobrado... Custei a recuperá-lo. (NAVA, 2005, p. 289)

Por essa confiança de Nava dá-se a conhecer, ainda que de forma subjacente, o vazio e a falta de sentido com que se apresentava a existência para ele. Mais uma vez a fineza habitual quase o faz silenciar sobre esse tema. Entretanto, o princípio de só enunciar a verdade não o desobriga de trazê-lo à superfície. Em outros momentos, as verdades são verbalizadas com mais firmeza, tal como pode ser observado no trecho em que se relata a falta de solidariedade dos adultos em relação ao apuro em que se encontrava, quando criança, ao fugir de um bezerro:

Guardo da Creosotagem a assustada lembrança da carreira que me deu um bezerro de que escapei cerca abaixo. Guardei também as gargalhadas divertidas do Paletta e do Antônio com a situação e do nenhum gesto esboçado em meu socorro. Eu tinha seis para sete anos, mas nascera com o dom de observar e guardar. Como adulto, bastante tenho desculpado as bordoadas e safanões que tenho levado e vou levando. Às vezes reajo e ataco também. De outras, não, por nojo das canalhices e dos canalhas, por “tédio à controvérsia...” Vou perdoando, vou. Já os agravos feitos ao menino desarmado que eu fui... (NAVA, 2005, p. 274-275)

É interessante notar que “o dom de observar e guardar” uma gama de acontecimentos aparentemente de menor importância foi essencial para o desenvolvimento de reflexões sobre as idiossincrasias da vida entre adultos. Novamente, a fidelidade ao seu compromisso de ser verdadeiro no que diz o faz rasurar o silêncio em relação aos “homens distorcidos”, como se vê no excerto a seguir, em que a verdade é veementemente gritada, a despeito de tudo e todos:

É preciso anular às claras calúnia que nunca é escrita, mas que se transmite implacavelmente pela tradição oral, alongando-se, no tempo, como uma cobra venenosa. E de longa vida, como as cascavéis... Se os que têm uma visão bondosa dos fatos se abstêm de comentá-los, deixam o campo livre para os bichos rastejantes que babam no tronco das grandes árvores. Se não se toca nesses assuntos, acabam os homens distorcidos e esvaziados da substância humana que neles habitou. (NAVA, 2005, p. 209-210)

Por fim, sagaz como só Pedro Nava podia ser, preferível é deixar que fale por ele mesmo acerca dos subterfúgios da memória, principalmente quando aborda a destreza com a qual a memória conduz o processo de “esquecimento”, de silenciamento, para “evitar o divã de couro empapado de lágrimas”. Vale retomar *Igarapé*, v. 12, n. 1, 2019, p. 14-29



Pollak quando este teorizou a sutileza do trabalho de gestão da memória, conforme já mencionado anteriormente.

A associação de idéias parece livre, solta, mas há uma coação que a compele e que também nos defende... Somos conduzidos pela preferência do espírito que é fuga, distração, descanso lúdico... Ave solta... Sua alteração, como que sua doença: o martelamento obsessivo que sucede no remorso, na saudade dos mortos, na dor-de-corno – em que tudo é pretexto de volta à imagem iterativa, dolorosa e adesiva, que nos tem – ai! na gosma do seu círculo concêntrico. Pássaro no visgo... No que se precisa esquecer, nisto, a memória é exímia. Desvia na hora certa e suprime o couro, para evitar o divã de couro empapado de lágrimas. (NAVA, 2005, p. 292, grifos nossos)

PALAVRAS FINAIS

“Por que será que quando chega o inverno da vida o homem seca, murcha e depois morre, ao passo que as árvores todos os anos têm uma primavera?”
Chicharro (VERISSIMO, 1953, p. 479)

Talvez Pedro Nava compartilhasse do mesmo sentimento de D. Alice, entrevistada por Ecléa Bosi, em estudo dedicado a refletir sobre as lembranças senis:

Sabe de uma coisa? Parece que tem muita gente do lado de lá me esperando: tenho os meus amigos, tenho os meus parentes todos, meus avós, minhas cunhadas que eu adorava tanto. Eu vou ficar contente de partir, às vezes dá uma saudade da turma que foi embora. Está na hora de matar a saudade! (BOSI, 1987, p.75)

Essa pequena alusão às lembranças de D. Alice, recolhidas por Ecléa Bosi, mesmo que produzida em um contexto diferente, pode se avizinhar ao seguinte trecho de Nava:

Em 1959 voltei ao Ceará para dar um curso na sua Universidade. Fui novamente ver a casa de minha avó. De todos os que eu vira ali em 1919, só estava viva minha tia Alice. Minha avó, morta. Marout, morta. Tia Dinorá, morta. Maria, morta. Joaquim Antônio, morto. Tia Candoca, morta. Tio Salles, morto. Não entrei na casa, morta também, morta e fechada, assombrada, muda, transformada em depósito de madeiras. Olhei longamente sua fachada, suas janelas zarolhas, suas portas cerradas, as paredes outrora de um verde alegre como o das ondas, e agora de uma cor amarela e carcomida de caveira. (NAVA, 2005, p. 36, grifo nosso)

Igarapé, v. 12, n. 1, 2019, p. 14-29

Talvez o fato de não adentrar a casa tenha suavizado experimentar algo doloroso, como advertia Pollak. Ou não, pois, na sequência, a estratégia por Nava aplicada é registrada assim: “Povoei suas salas como faço agora, das sombras que conheci ou de que ouvi contar os casos” (NAVA, 2005, p. 36).

Poderia causar certa estranheza a decisão de tecer reflexões justamente sobre os silêncios em uma obra de tamanha magnitude. Nas cerca de 400 laudas em que se estruturam *Baú de ossos*, talvez, mais prudente seria considerar esgotados todos os acontecimentos elencados. Todavia, como já citado, alertava Drummond para a desobrigação de se fazer menção exaustiva de tudo. Inclusive humanamente isso seria até impossível. Porquanto em determinado trecho Nava esclarecesse, em relação ao seu avô paterno, que sob a aparente abundância de sua oratória, ele, de fato, mais se calasse que oferecesse revelações gratuitas.

Essa característica herdada do avô, a qual, no esforço realizado pelo memorialista Nava, em perquirir sempre e tanto a genealogia familiar⁶, permitiu a ele consubstanciar a redação de suas memórias, mas, também, argutamente povoá-las de interrupções, redirecionamentos quase imperceptíveis em passagens em que Nava ‘dizia muito, mas falava pouco’.

Com auxílio da tipologia de discursos, de silêncios, de Michel Pollak, verticalizou-se a leitura do *Baú de ossos* tentando resgatar alguns não-ditos cuja existência se deve muito menos em consequência da inexequibilidade em rememorar um dado específico, do que da habilidade com a qual o narrador, autodiegético, optou mantê-los indizíveis e, assim o fazendo, dilatou o potencial de significação residente nesses lugares de opacidade.

⁶ Sobre esse ponto observar explicação de Pedro Nava no seguinte trecho: “Suprimindo a vaidade, o que procuro na genealogia, como biólogo, são minhas razões de ser animais, reflexas, instintivas, genéticas, inevitáveis. Gosto de saber, na minha hora de bom ou mau, na de digno ou indigno, nobre ou ignóbil, bravo ou covarde, veraz ou mentiroso, audaz ou fugitivo, circunspecto ou leviano, puro ou imundo, arrogante ou humilde, saudável ou doente – quem sou eu. Quem é que está na minha mão, na minha cara, no meu coração, no meu gesto, na minha palavra; quem é que me envolta e grita estou aqui de novo, meu filho! meu neto! você não me conheceu logo porque eu estive escondido cem, duzentos, trezentos anos.” (NAVA, 2005, p. 175)



REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Melânia Silva de (Org.). Conversa com Pedro Nava – 1982. **Boletim CESP**. Belo Horizonte, v. 14, n. 17, jan./jul. 1994.
- AUTOBIOGRAFIA. In: REIS, Carlos Antônio Alves dos; LOPES, Ana Cristina Macário. **Dicionário de narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2007. p. 36-39.
- BOSI, Ecléa. Lembranças: lembranças de D. Alice. In: _____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz: Ed. da USP, 1987. p. 51-76.
- LEJEUNE, Pierre. O pacto biográfico. In: _____. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 13-47.
- NARRADOR. In: REIS, Carlos Antônio Alves dos; LOPES, Ana Cristina Macário. **Dicionário de narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2007. p. 257-259.
- NARRADOR AUTODIEGÉTICO. In: REIS, Carlos Antônio Alves dos; LOPES, Ana Cristina Macário. **Dicionário de narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2007. p. 259-262.
- NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. 11. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2005. 409 p. (Memórias; v. 1).
- OLIVEIRA, Natalino da Silva de. **O caleidoscópio e o palimpsesto: reflexões sobre a memória em Ramona, adiós** de Montserrat Roig. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: UNICAMP, 2007. 181 p.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-13.
- REIS, Carlos Antônio Alves dos; LOPES, Ana Cristina Macário. **Dicionário de narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2007. 458 p.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007. 535 p.
- ROSA, João Guimarães. Páramo. In: _____. **Estas estórias**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969. p. 177-198.



SILVA, Lenina Lopes Soares. **Narrativas do Brasil nas memórias de Pedro Nava.** 2010. 252 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

VERISSIMO, Érico. **O resto é silêncio.** Rio de Janeiro: Globo, 1953. 492 p. (Obras completas de Érico Verissimo).

WEINRICH, Harald. **Lete: arte e crítica do esquecimento.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 346 p.